

GÊNERO, EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS

Ana Paula Silva Santos

apss.sol@gmail.com

Universidade Estácio de Sá

RESUMO

Este estudo tem como objetivo problematizar as formas pelos quais um professor de Educação Física de uma escola pública situada no Rio de Janeiro compreende as questões de gênero no espaço das aulas de Educação Física, utilizando para tanto entrevistas semiestruturadas. Assumindo a educação intercultural como subsídio teórico, ressaltamos que a intervenção docente é fundamental para a construção de práticas corporais plurais que contribuam para relações igualitárias e menos preconceituosas.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; Educação física; Educação intercultural

INTRODUÇÃO

Tempos de incertezas e constantes ataques à escola marcam a sociedade atual, onde as questões de gênero assumem uma posição de destaque nessa problemática. Estas e outras questões ligadas às diferenças culturais nos posicionam de modo específico diante de sujeitos históricos que foram marginalizados e, hoje, tentam afirmar suas identidades lutando por seus direitos e resistindo a relações assimétricas de poder.

Nesta perspectiva, a Educação Física é dotada de práticas culturais que reproduzem os estereótipos de gênero e normatiza modos de ser e agir dentro de um padrão de identidade masculina, branca e de classe média (NEIRA; NUNES, 2009).

Dentro deste contexto, este estudo tem como objetivo problematizar as formas pelos quais um professor de Educação Física do ensino fundamental de uma escola pública situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro compreende as questões de gênero no espaço das aulas de Educação Física. Para tanto, foi realizada entrevista semiestruturada com o referido professor.



Diante do exposto, adotamos a educação intercultural proposta por Candau (2008). Tal perspectiva, segundo a autora, supõe a inter-relação entre os diferentes grupos culturais, se propõe a conceber a cultura em um contínuo processo de construção e reconstrução e caminha no sentido de não fixar os sujeitos em determinados padrões culturais engessados.

Sendo assim, em um primeiro momento aborda-se a interface entre gênero, Educação Física e educação intercultural. Em um segundo momento, a análise dos dados produzidos a partir da metodologia empregada e, por fim, algumas conclusões provisórias.

Gênero, Educação Física e Educação Intercultural: aproximações

Gênero é conceituado, segundo Scott (1995, p.72) como “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Outras pesquisas também definem gênero como uma construção social e cultural do corpo (LOURO, 2003; SARAIVA, 2005).

De acordo com esses estudos, comportamentos, atitudes ou traços da personalidade são construídos em uma dada cultura e em um determinado momento histórico, definindo características femininas e masculinas e diferenciando-as umas das outras conforme o papel que desempenham na sociedade. Entender gênero como constructo cultural leva a reflexão que as representações de homens e mulheres são diversas e plurais, não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade (GOELLNER, 2003).

Assim, argumentos de que a desigualdade entre homens e mulheres é baseada nas diferenças biológicas devem ser contestadas, pois essas diferenças são construídas culturalmente, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação historicamente (LOURO, 2003).

Os critérios de seleção de conteúdos, a organização dos espaços destinados às vivências e as posturas e linguagens adotadas pelos meninos e meninas são exemplos do cotidiano escolar onde as diferenças de gênero se mostram explícitas (SARAIVA, 2005).

De acordo com Altmann (1999), o processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que acarreta no processo ensino-aprendizagem de valores, conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos.

Altmann, Ayoub e Amaral (2011), ao pesquisarem a prática docente em uma escola, analisam como o gênero perpassa o cotidiano das aulas de Educação Física, especialmente em se tratando de planejamento de aulas e seleção de conteúdos. Essas autoras apontam que as questões de gênero não são consensuais entre os professores de Educação Física analisados em sua pesquisa: se por um lado alguns professores defendem as vantagens e a importância de se trabalhar com turmas mistas, outros ainda defendem a separação, reafirmando a ideia, muito recorrente na área da educação, de que trabalhar com grupos “homogêneos” facilitaria o desenvolvimento das aulas, diminuindo conflitos e tensões provenientes da diversidade das relações.

Na intenção de compreender tais questões, compartilhamos com as ideias de Candau (2008) referente, ao multiculturalismo aberto ou perspectiva intercultural crítica como uma modalidade da educação multicultural. Segundo a autora citada, a perspectiva intercultural constitui uma tarefa complexa e desafiante, que vem se inserindo paulatinamente no âmbito educacional.

Tal perspectiva supõe a inter-relação entre os diferentes grupos culturais, se propõe a conceber a cultura em um contínuo processo de construção e reconstrução, caminha no sentido de não fixar os sujeitos em determinados padrões culturais engessados e reconhece que na sociedade os processos de hibridização cultural são intensos e formadores de identidades plurais. A consciência dos mecanismos de poder que perpassam as relações culturais constitui outra característica importante da perspectiva intercultural na visão de Candau (2008), pois são construídas na história, e, portanto, atravessadas por questões de poder, resultando em relações fortemente hierarquizadas, marcadas pela discriminação e pelo preconceito de grupos marginalizados na sociedade.



Deste modo, a abordagem intercultural que adotamos se torna fundamental para construção de relações igualitárias e desprovidas de preconceitos no que se refere às relações de gênero na escola.

COMPREENSÕES ACERCA DAS QUESTÕES DE GÊNERO

Para o estudo, foi selecionado um professor de Educação Física, recém-formado, com um ano de experiência na educação básica, que se mostrou interessado e motivado em atuar como sujeito participante da pesquisa.

Ao ser perguntado sobre como era a distribuição da turma em suas aulas, o professor relatou que havia a separação dos meninos e meninas e a formação de grupos conforme o gênero.

No momento em que eles vem para aula você percebe nitidamente o grupo das meninas e dos meninos, conversando, separadamente. E isso prossegue até o momento que você intervém, se você deixar eles vão assim até o final da aula, poucos são os meninos e as meninas que tentam interagir em outros grupos (professor de Educação Física).

Sobre este fato, Louro (2003) afirma que a separação de meninos e meninas é, muitas vezes, estimulada pelas atividades escolares que dividem grupos de estudo ou propõem competições. Ela também é estimulada por brincadeiras que ridicularizam os meninos, chamando-os de meninhas e que colocam as meninas em uma posição de submissão, como nas perseguições de grupos de meninas por grupos de meninos.

Na fala do professor, observamos de forma clara a existência da separação entre meninos e meninas na referida turma e a sua preocupação, já no início da entrevista, com a questão da intervenção docente na promoção da integração dos meninos e meninas nas aulas.

Ao tratarmos sobre as dificuldades percebidas em relação à integração entre meninos e meninas nas aulas, o professor destacou o momento de formação de grupos e equipes para as atividades relacionadas aos jogos e brincadeiras como o período composto pelo maior número de conflitos entre os/as estudantes.

Principalmente na hora de dividir as equipes, qualquer atividade em que você tenha que fazer divisão de equipes, onde você tenha que colocar menino participando junto com menina, tem uma resistência muito grande nessa hora. Muitos não querem. Dizem que não são amigos, que preferem ficar em outro grupo, tanto os meninos quanto as meninas. Essa é a desculpa que normalmente eles dão (professor de Educação Física).

A resistência ao trabalho integrado nas aulas de Educação Física advém, segundo Auad (2006), da forma como as relações de gênero estão organizadas em nossa sociedade. Segundo a autora, as construções de gênero são verdadeiras máquinas de produzir desigualdades e segregações.

Ao perguntarmos sobre a questão do preconceito existente entre os/as estudantes por conta das diferenças de gênero, o professor afirmou que o discurso sobre as diferenças biológicas existentes entre meninos e meninas era utilizado como fundamento para a legitimação da separação entre os mesmos na aula de Educação Física.

A questão física, eu acho que é a principal. Acaba tendo o preconceito de ambas as partes, os meninos reclamam que as meninas não aguentam porque são fracas e incapazes e as meninas reclamam que os meninos são muito fortes e brutos pra participarem das mesmas atividades e isso forma uma barreira entre eles. Apesar da gente sempre vê uma menina que sobressai, que gosta, que participa e os próprios meninos até aceitam por saber que ela tem um certo nível de capacidade. Neste caso, não é a questão do gênero, mas a habilidade motora, a força. Às vezes, dentro de uma turma, uma menina só tem essa capacidade (professor de Educação Física).



Sobre o aspecto biológico, Goellner (2003) afirma que por muito tempo as atividades corporais e esportivas não eram recomendadas às mulheres por serem prejudiciais à natureza feminina considera mais frágil em relação à natureza masculina. Tais explicações biológicas conferiam lugares sociais distintos para ambos os sexos desenvolvendo desigualdades e discriminações. Estas representações, segundo a autora, perpetuaram-se até os dias atuais consolidando relações desiguais entre homens e mulheres, meninos e meninas.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

De acordo com as análises feitas, sustentamos que é na aula de Educação Física que encontramos maior resistência ao trabalho integrado entre meninos e meninas, pois pautada por um viés biológico, a prática desta disciplina foi se construindo sob uma ótica monocultural baseada na cultura branca, masculina e heterossexual. Nesse sentido a intervenção docente torna-se fundamental para a construção de práticas corporais plurais que valorizem as diferentes culturas e que contribuam para relações mais igualitárias e menos preconceituosas.

A perspectiva da educação intercultural assumida neste estudo baseou-se na concepção de uma educação voltada para a negociação cultural e pelo enfrentamento de relações desiguais de poder entre os diversos grupos culturais.

Nesse sentido, acreditamos que ao relacionarmos a perspectiva da educação intercultural às questões de gênero nas aulas de Educação Física pode favorecer a reflexão sobre as desigualdades presentes no espaço das aulas e agir no sentido de superar preconceitos e discriminações entre meninos e meninas através do reconhecimento, problematização e enfrentamento de desigualdades e estereótipos presentes de forma naturalizada na escola e, especificadamente, nas aulas de Educação Física.

Questionar, desnaturalizar e desestabilizar essa realidade discriminatória e excludente, no qual se insere o sexismo, constitui um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária, não só no que se refere ao gênero, mas em todos os seus níveis e relações.

GENDER, PHYSICAL EDUCATION AND INTERCULTURAL EDUCATION: POSSIBLE ARTICULATIONS

ABSTRACT

This study aims to understand the ways in which a teacher understands gender issues in Physical Education classes. For this purpose, semi-structured interviews were used. Assuming intercultural education as a theoretical subsidy, we emphasize that teacher intervention is fundamental for the construction of plural corporal practices that contribute to egalitarian and less prejudiced relationships.

KEYWORDS: *Physical Education; Gender; Intercultural Education.*

GÉNERO, EDUCACIÓN FÍSICA Y EDUCACIÓN INTERCULTURAL: ARTICULACIONES POSIBLES

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo percibir las formas en que un profesor comprende las cuestiones de género en las clases de Educación Física. Se utilizó para ello entrevistas semiestructuradas. Asumiendo la educación intercultural como subsidio teórico, resaltamos que la intervención docente es fundamental para la construcción de prácticas corporales plurales que contribuyan a relaciones igualitarias y menos prejuiciosas.

PALABRAS CLAVES: *Educación Física; Género; Educación intercultural.*



REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, agosto/99.
- Altmann, H; Ayoub, E; Amaral, s. c. f. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? *Estudos Feministas*, n. 19, v. 2, p. 491-501, maio-agosto/2011.
- AUAD, D. *Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M.(Org.) *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Cap. 1, p. 13-37.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L; NECKEL, J. F; GOELLNER, S.V. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade – Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, cap. 2, p. 28-40.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003
- NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.
- SARAIVA, M. DO C. *Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é um mito*. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, Jul-Dez, 1995.

